Entre Tapas E Beijos: A Humanização "Fantástica" Do Lutador De MMA Anderson Silva Pela Rede Globo De Televisão [1]

Fábio de Lima ALVAREZ [2]
José Carlos MARQUES [3]

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Bauru, SP

RESUMO

Este artigo procura discutir o papel da subjetividade do discurso jornalístico por meio da análise de uma reportagem televisiva, discutindo as estratégias comunicacionais e argumentativas na busca de convencimento do alocutário. Para tanto, nos apoiaremos nas teorias enunciativas. Analisaremos uma reportagem veiculada no dia 13 de fevereiro de 2011 no programa Fantástico, da Rede Globo de televisão, que fala sobre a trajetória de vida de Anderson Silva, lutador de MMA (Artes Marciais Mistas). Nosso trabalho será basicamente dividido em três partes. No início traremos alguns conceitos que balizam o que se convencionou chamar de teorias enunciativas. Depois, apresentaremos um breve histórico e contextualização dos esportes modernos e, mais precisamente do MMA. Por último, partiremos para a análise propriamente dita da entrevista televisiva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; MMA; Rede Globo; Fantástico; Anderson Silva.

Introdução

Vivemos numa sociedade midiatizada, onde os meios de comunicação, pensados em sua totalidade, sejam impressos, falados, eletrônicos, nos trazem cotidianamente uma imensa gama de informações que corroboram para a constituição de nossa psique, de nossa visão de mundo. De nossas salas, por meio de nossas televisões, de nossos jornais e computadores, podemos saber do último atentado à bomba no Iraque ou sobre os costumes e ritos de uma tribo aborígene, do buraco numa rua da cidade a uma acidente nuclear. Tudo por meio das mídias. Sendo assim, a permeabilidade dos meios de comunicação na vida das

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus de Bauru). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus de Bauru). E-mail: fusa_fabio@yahoo.com.br.

[3] Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus de Bauru) e do Departamento de Ciências Humanas da mesma instituição. Doutor em Ciências da Comunicação – Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciado e Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br.

sociedades modernas contemporâneas é algo que dificilmente pode ser negada. Não queremos dizer com isso que as pessoas sejam passivas frente à informação, mas sim dizer que os meios de comunicação, como o próprio nome sugere, são mediadores de um fato, de um acontecimento.

Essa mediação, entretanto, é construída, forjada e disseminada por meio de discursos que, por sua vez, são polifônicos e múltiplos. Isso quer dizer que, o produto da mediação de um fato (uma notícia, por exemplo), jamais será o fato em si, mas uma representação do ocorrido, uma das infindáveis visões possíveis do real. Como nos traz Maria Aparecida Baccega:

> Um número incalculável de fatos e acontecimentos ocorrem a todo momento. Como lembram Lippmann e outros autores que trataram do assunto, nós vivemos, diretamente, um número extremamente reduzido desses fatos, desses acontecimentos. E mesmo os que vivemos, apreendemos sempre com as mediações que nos são inculcadas pela nossa cultura, sobretudo através da linguagem verbal. (BACCEGA, 1998, p. 53)

Como nos lembra Benveniste, o papel da linguagem é fundamental para a compreensão da subjetividade inerente ao ato de falar. "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta, na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'." (BENVENISTE, 1995, p. 286)

Partindo destes pressupostos, uma das possibilidades analíticas que nos parece mais apropriada para a compreensão desse papel das mídias é a análise dos *discursos* por ela veiculados. Para tanto, como nos traz Norman Fairclough (1995), os discursos devem ser entendidos como sistemas de práticas e crenças que extrapolam o texto em si, entrecruzados por diversos elementos que os ordenam, sejam pelas instituições nas quais eles emergem, sejam pelos indivíduos que os proferem a partir de um determinado local na teia social.

Isso não quer dizer que a análise seja totalmente livre, como se fosse um ensaio, mas sim que deve dar conta de toda essa complexidade sem, no entanto, fugir ao objeto mais palpável que tem em mãos, que é o próprio texto. É a partir deste material que devemos buscar as múltiplas vozes e significações advindas dos discursos, sempre levando em conta o contexto em que determinada mensagem é emitida e as suas condições de produção.

Ao nos propormos, então, a fazer uma análise discursiva de determinado produto midiático, seja uma matéria jornalística, uma propaganda, uma entrevista, necessitamos de um arcabouço teórico que dê conta de tal demanda. Nesse sentido, as teorias enunciativas nos caem muito bem, já que permitem, por meio da identificação de diversas marcas

textuais, ou seja, da dêixis, das modalidades e dos atos de linguagem, entender as condições de produção de determinada mensagem, delimitando-a no tempo e no espaço. No entanto, antes de partirmos para a análise, precisamos apresentar o material a ser analisado.

Contextualização do MMA

Dentro do contexto midiático, da enorme gama de conteúdos produzidos pelos meios de comunicação, os esportes certamente possuem um espaço privilegiado. O número de programas relativos à temática é extremamente vasto, sejam os programas específicos, sejam as editorias de jornais ou mesmo matérias "avulsas" inseridas em programas mais genéricos. Como nos traz Valter Bracht:

> Não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade. Sem dúvida, o esporte faz parte hoje, de uma ou de outa forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo. Tão rápido e tão "ferozmente" quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento." (BRACHT, 2003, p. 9)

Devido à limitação e proposta deste artigo, não nos estenderemos muito sobre a definição do que é esporte mas, por agora, seguiremos a definição proposta por Valdir Barbanti:

> Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. (BARBANTI, 2006, p. 57)

Huizinga, em seu livro Homo Ludens, versa sobre o papel do lúdico, da brincadeira na construção da sociedade e da cultura. Para ele, os jogos são atividades natas do ser humano, algo tão natural quanto respirar. Eles antecederiam a própria civilização. O processo que torna as atividades lúdicas institucionalizadas, no que conhecemos hoje como esportes, é um processo muito mais recente, fruto da revolução industrial inglesa, onde a necessidade de se controlar o tempo livre do operariado se tornava latente.

Outro autor que discute a natureza dos jogos e suas implicações na dinâmica social é Roger Caillois. Partindo de uma tese oposta à de Huizinga, ele não considera os jogos como anteriores à civilização, mas como elemento representativo da cultura e da sociedade, ou seja, a separação entre um e outro seria incabível. (PICCOLO, 2008).

Tanto Huizinga quanto Caillois, entretanto, convergem ao falar sobre o papel despretensioso da atividade lúdica, que se coloca num local diametralmente oposto ao sério, ao universo do trabalho. No entanto, esse caráter despretensioso da atividade lúdica não a torna menos digna, menos capaz de significar e ser significante de uma dada sociedade e cultura.

Talvez pelo seu caráter não sério, despretensioso, o estudo do lúdico, infelizmente, muitas vezes ainda é visto com maus olhos pela academia. Tais estudos acabam sendo marginalizados e, com isso, um rico universo analítico acaba sendo desprezado e subestimado. Muitos acreditam que tal debate mais se assemelharia a um "papo de boteco" do que a uma discussão série e científica. Como nos lembra Bourdieu, quando fala sobre a sociologia dos esportes, "desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas." (BOURDIEU, 1990, p. 207)

Justificada a relevância do estudo dos esportes como janelas para a compreensão da dinâmica social, iremos agora apresentar propriamente o objeto de nossa análise: uma matéria veiculada no programa Fantástico, da TV Globo, sobre a trajetória de Anderson Silva, expoente brasileiro das Artes Marciais Mistas (MMA na sigla em inglês).

O MMA, reconhecido como esporte, é um fenômeno bastante recente. Sua institucionalização e reconhecimento como atividade esportiva perante as comissões atléticas é datada do ano de 2001. Entretanto, o processo de constituição que desemboca em sua "esportivização" é bem mais antigo. As artes marciais, palavra guarda-chuva para diversas formas e técnicas de combate corpo-a-corpo, existem desde que o homem existe, nas mais diversas culturas. Pensadas como técnicas de defesa e ataque, os primeiros estudos históricos indicam que a sua sistematização e diversificação em vários estilos remete a mais de 5.000 anos antes de Cristo. Essa sistematização tinha uma função bastante clara: a guerra. O próprio chavão "arte marcial" remete ao deus romano Marte, filho de Juno e Júpiter, considerado a divindade da guerra.

A vertente mais aceita sobre a criação do MMA remete ao Brasil, no início do século XX, quando em 1914 chega a nosso país o imigrante japonês Mitsuyo Maeda, também conhecido como Conde Koma (apelido que recebeu na Espanha).

A trajetória de Maeda, contada por Stanlei Virgílio em *Conde Koma – O invencível yondan da história*, pode ser considerada como o germe do MMA moderno. Professor da Kodokan, escola fundada pelo criador do Judô, Jigoro Kano, ele sai em "peregrinação" pelo mundo, acompanhado de outros dois judocas, na busca de provar a superioridade do Judô

frente a outras artes marciais. Após passar pela Europa, América do Norte e Central, ele chega à América do Sul, onde acaba por se radicar em Belém do Pará, no ano de 1917. É lá que ele se naturaliza como brasileiro, recebendo o nome de Otávio Misuyo Maeda, e torna-se adido da imigração japonesa no Estado.

Em Belém do Pará, Maeda conhece Gastão Gracie, um importante empresário da região, de quem recebe ajuda para se fixar na cidade. Em retribuição, Maeda ensina os fundamentos do Jiu-jitsu a Carlos Gracie, filho de Gastão. Carlos, então, se muda para a capital do país na época, o Rio de Janeiro, e abre uma academia de jiu-jitsu. Buscando provar a superioridade de sua arte marcial, ele e seu irmão Hélio Gracie, que também aprendera a modalidade, lançam uma série de desafios contra lutadores de outras modalidades. Os duelos, chamados de "Desafio Gracie", acabam se disseminando e ganham a denominação de Vale-Tudo.

Para entender, então, os desdobramentos destes duelos que ocorriam em terras brasileiras, precisamos nos deslocar no tempo e ir para a década de 1980, onde a figura chave para o surgimento do MMA nos moldes modernos é Rorion Gracie, filho de Hélio. Rorion, que também era mestre em jiu-jitsu (assim como grande parte dos filhos de Carlos e Hélio), abre uma academia na garagem de sua casa, na Califórnia. Assim como no início do século XX no Brasil, essa arte marcial era pouco conhecida nos EUA e, para que ela ganhasse popularidade, Rorion começa a repetir os passos de seu pai: desafiar lutadores de artes marciais para confrontos praticamente sem regras, para lutas de Vale-Tudo. Todas as lutas eram filmadas, e o vencedor ficava com os direitos de imagem. A popularidade de Rorion e do jiu-jitsu brasileiro começa a crescer na terra do Tio Sam.

Rorion, que já havia trabalhado como figurante em alguns filmes, faz contatos com pessoas influentes em Hollywood, que passam a conhecer mais de perto essa arte marcial cultivada pela família Gracie. A ele (Rorion) é atribuído ter ensinado Mel Gibson a aplicar o golpe guilhotina em Máquina Mortífera, assim como ter ensinado golpes ao ator Chuck Norris.

É nesse ambiente que Rorion, junto com o ex-fuzileiro naval e publicitário estadunidense Arthur Davie, no ano 1993, lança o programa UFC – The Ultimate Fighting Championship na TV americana. O objetivo do programa era promover uma disputa de Vale-Tudo entre diferentes estilos de artes marciais, buscando provar qual técnica era superior. No torneio, 8 lutadores de diferentes estilos se enfrentariam num torneio "mata-mata", ou seja, o ganhador de cada luta ganhava o direito de ir para a próxima fase e o

perdedor era desclassificado. Não havia praticamente regras, nem limite de peso, nem tempo máximo de duração para as lutas.

Após uma série de crises, o campeonato UFC é vendido em 2001 para a entidade Zuffa, dos irmãos Fertitta, empresários estadunidenses do ramo do entretenimento. O que antes era apenas um espetáculo, acaba por se tornar um esporte, com um conjunto de 31 regras e reconhecido perante as comissão atléticas norte-americanas.

Campeonatos do gênero também se desenvolveram em outros cantos do globo, principalmente no Japão. No entanto, atualmente, o campeonato de maior monta e visibilidade em todo o globo é, sem dúvida, o UFC. Segundo a entidade, as lutas da marca já chegam a 354 milhões de lares em todo o mundo, sendo televisionadas em mais de 145 países e em 19 línguas. (fonte: www.ufc.com).

Trouxemos brevemente esse histórico da criação do MMA para, enfim, podermos iniciar nossa análise, que se debruçará sobre uma matéria veiculada no dia 13 de fevereiro de 2011 no programa dominical Fantástico, da TV Globo.

Como dissemos anteriormente, nossa análise terá como norte as teorias enunciativas e, portanto, priorizará o discurso verbal da reportagem. Isso não quer dizer que desconsideraremos o meio para o qual a matéria foi produzida, a TV, pois, como nos lembra Maingueneau, "o mídium não é um simples 'meio', um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídium modifica o *conjunto de um gênero de discurso*." (MAINGUENEAU, 2001, p. 72)

No entanto, como queremos entender como os sujeitos da enunciação se colocam no enunciado, não trataremos das imagens e das trilhas sonoras da matéria em questão. Para realizar a análise de tais elementos, as teorias semióticas seriam mais apropriadas.

Segue, agora, a transcrição da reportagem. A matéria completa pode ser acessada em: http://www.youtube.com/watch?v=LcPD7ecsuAo.

Transcrição da reportagem

> ***Zeca Camargo****: O Fantástico está de volta e, agora, vai até a Califórnia, onde um brasileiro de chute poderoso se transformou no novo ídolo dos ringues.*
> ***Patrícia Poeta****: Falou bem. E que chute, heim! Ele é Anderson Silva. De origem humilde, jeito manso, como é que a gente diz, boa praça, subiu na vida praticando uma atividade arriscada e violenta. São as chamadas Artes Marciais Mistas.*

Repórter (OFF 1): *Quanta seriedade! Que marra! Que nada.*
Anderson Silva*: Eu não cheguei aqui aonde eu cheguei tendo marra.*
Repórter (OFF 2) *Veio de berço humilde: nasceu na periferia de São Paulo, cresceu na de Curitiba, junto com os tios, que ele considera como pais.*
Anderson*: Eu vim para Curitiba porque meus pais eles eram muito novos e não tinham condições de me criar em São Paulo. Aí minha mãe entrou num consenso com a minha tia, que me criou, daí eu acabei ficando em Curitiba.*
Repórter (OFF 3): *Nem por isso estava tudo resolvido.*
Anderson*: Nunca foi uma vida fácil. Nunca faltou nada, graças à Deus, a gente sempre tudo o que a gente precisava para viver dignamente, mas não tinha muito aquela coisa de você poder esbanjar, era tudo muito controlado.*
Repórter (OFF 4): *O garoto foi à luta. Virou balconista numa lanchonete.*
Anderson: *Eu aprendi muitas coisas: a lidar com as pessoas, a lidar com situações difíceis. Foi muito bacana para mim.*
Repórter (OFF 5): *Mas o futuro, não estava ali. Tentou outro caminho, seguir uma das paixões de garoto.*
Anderson: *Minha grande frustração foi não ter sido jogador de futebol. Eu tentei, muito, mas não era para mim.*
Repórter: *Não chutava bem?*
Anderson: *Ah, até que chutava. Chutar eu até que chutava bem, mas não deu certo, não era para mim não.*
Repórter (OFF 6): *O corintiano fanático, ficou só na torcida. E como precisou ganhar a vida, investiu em outra paixão: montou uma equipe de dança e fez shows imitando o rei do pop.*
Anderson: *Eu fico até um pouco emocionado em falar, porque gostei muito e gosto muito, e sou apaixonado pelo Michael Jackson.*
Repórter (OFF 7)*: Nessas de imitar, se meteu a interpretar. Queria ser, quem sabe, protagonista de Tropa de Elite.*
Cena filme*: Os senhores deixaram essa comida aqui no chão porque os senhores estão com "nojinho"?*
Anderson: *O senhor tá com "nojinho" de comer essa comida, sr. 06?*
Repórter (OFF 8): *É, mais aí também tinha uma coisa fora do tom.*
Repórter: *Muita gente me desafiou achando que eu não iria fazer essa pergunta, mas eu vou fazer: e essa sua voz aí, heim?*
Anderson: *Ah, cara. Olha só, é um problema sério, né. Eu todo desse tamanho com essa vozinha.*
Repórter (OFF 9): *Nem o genro respeita.*
Anderson: *O namorado da minha filha chegou, veio falar comigo, aí, pow, ele tava esperando uma voz mó grossona, daí ele começou a rir. Daí eu perguntei: por que você tá rindo? Aí ele: desculpa, é que eu não imaginava que a sua voz seria desse jeito. Daí eu: Poxa...*
Repórter (Passagem): *Nem no campo, nem no palco, nem no cinema, nem no balcão. Foi no octógono, esse ringue com oito lados, que Anderson Silva se deu melhor.*
Repórter (Passagem): *Aqui dentro, venceu a maior luta: a luta da própria vida.*
Cena UFC (locutor): *"O campeão do mundo, Anderson ' o Aranha' Silva"!*
Repórter (OFF 10): *O menino que era franzino, hoje é o atual campeão dos pesos-médios do UFC, a maior liga de artes marciais mistas do mundo. Está invicto há 13 lutas: um recorde. Oito lutadores já tentaram tirar o cinturão*

dele, e não conseguiram. E esse é um outro recorde: quando derrotou o penúltimo adversário, estava com uma costela trincada. No último desafio, 3 minutos e 5 segundos. Foi tudo o que precisou para vencer Vitor Belfort, por nocaute.
Anderson: *Eu não tenho nada contra ele, é totalmente profissional o negócio, e é assim que funciona. Da mesma forma que eu ganhei, ele poderia ter ganho. E o que me deixa feliz é que o título é ainda um título que continua no Brasil, né.*
Repórter (OFF 11): *O chute certeiro. Desses que se veem em filme de ação. E ele aprendeu com o ator Steven Segal, mestre das artes marciais.*
Repórter: *O que é que o Steven Segal te ensinou disso aí?*
Anderson: *Ah, a usar um pouco mais o quadril.*
Repórter (OFF 12): *E quando você vê o pé no seu rosto, que perigo! Quanta agressividade! Anderson sorri, e diz que sabe muito bem a diferença de técnica para a violência. Para ele, golpes só dentro dos ringues, onde os praticantes, apesar de correrem altos riscos, são treinados para isso. Fora das cordas, o caminho é sempre o da paz.*
Anderson: *Eu acho que esse negócio de violência, cara, não tá com nada, sabe. Eu acho que, a partir do momento que você não consegue mais dialogar com alguém, não tem porque você estar, ah, no meio das pessoas. Eu acho que é aquela coisa de você ter conhecimento de causa e poder expressar seus direitos sem ser violento.*
Repórter (OFF 13): *Quem o vê assim, não acredita, mas por trás desse homem feroz, tem um cara como outro qualquer. Pai de família, marido, trabalhador.*
Anderson: *Eu tenho meus medos, tenho as minhas alegrias, as minhas frustrações, normal, como qualquer pessoa normal.*
Repórter (OFF 14): *Esse lutador, no sentido mais variado da palavra, tem coração mole.*
Repórter: *Chora?*
Anderson: *Choro. Muito.*
Repórter: *Quando?*
Anderson: *Toda vez que eu lembro da minha mãe, da minha tia, eu acabo chorando um pouco. Choro quando, ah, eu lembro por tudo que eu já passei, por todas as fases que eu passei na minha vida, assim, que foram difíceis, e quando eu vejo alguma coisa que me incomoda, tipo, a desigualdade, covardia, isso me deixa muito chateado.*
Repórter (OFF 15): *Mas, e a alegria?*
Anderson: *Eu tenho uma família maravilhosa. Tenho cinco filhos maravilhosos, eu adoro meus filhos , meus irmãos, meus tios, meus pais biológicos, que moram em São Paulo. Eu sou muito feliz, eu agradeço a Deus todos os dias.*
Repórter (OFF 16): *Anderson Silva, o Aranha. Aranha? Já disseram que é por causa das pernas, que é por causa da aparência com o bicho, mas a resposta é bem mais simples:*
Anderson: *É que eu me identifico muito com o Homem Aranha. É o único super-herói que tem conta para pagar. Resumindo, é isso.*
Repórter(OFF 17): *Pelo menos, agora, está mais fácil liquidar a fatura.*

Análise

Ao assistirmos a reportagem, fica nítido o tom emotivo que permeia toda a narrativa. Construída de forma muito parecida com a saga do herói mitológico proposta por Joseph Campbell, tal matéria traz os altos e baixos da vida do lutador. Os enunciados do repórter e de Anderson Silva, paulatinamente, vão desconstruindo a chamada da matéria feita por Patrícia Poeta, que fala sobre uma atividade "arriscada e violenta".

Para tanto, nos ateremos a alguns enunciados. No primeiro OFF, a construção "Quanta seriedade! Que marra! Que nada." brinca com a contradição: afirma para negar. Podemos observar aí o que Cullioli (DOTA, 1994) chama de "reperáge", ou seja, uma operação de orientação onde os termos "seriedade" e "marra" se orientam em relação a "que nada". Em outra construção, orientados por outros termos e contextos, receberiam novas significações.

Observa-se aí, tomando novamente Cullioli, uma modalização de asserção, onde o autor da enunciação se coloca no enunciado por meio de um julgamento. Tal construção busca, nitidamente, alcançar uma relação afetiva com o alocutário, aproximando-o da personagem da entrevista, indo no sentido contrário da imagem senso comum do lutador agressivo e violento.

Isso também se dá nos OFFs seguintes, onde além dos elementos enunciativos propriamente ditos, o enunciador busca sua referenciação em outros discursos já cristalizados. A história do menino pobre, de infância sofrida e que dá a volta por cima por meio do esporte já nos é velha conhecida. No entanto, o esporte agora não é o futebol, já que "O corintiano fanático, ficou só na torcida". Sendo o Brasil a "pátria de chuteiras" e o MMA ainda bem menos difundido em termos de aceitação pelo público, essa aproximação entre os dois esportes é fundamental no sentido de validar a construção discursiva proposta.

A interconexão com outros discursos mostra a polifonia inerente a qualquer ato de fala. Retoma-se a figura de Michael Jackson, retoma-se o filme Tropa de Elite sem necessariamente precisar explica-los, pois tais figuras estão já sedimentadas na cultura popular brasileira contemporânea.

Como nos traz Roger Fowler (1994), a **personalização** é uma tendência da imprensa. Na ânsia de categorizar o mundo, tendemos a nos apoiar nos estereótipos, em tipos ideais que entendemos como sendo passíveis de serem generalizados e extravasados para vários indivíduos. Ao tratar de um cantor de rock específico, por exemplo, diversas adjetivações e construções gramaticais ganham a função de etiquetas que buscam valorar

aquele indivíduo, enquadrá-lo num padrão pré-existente. Para Fowler, tais operações refletem uma relação de poder, onde a mídia "joga" com tais valorações a fim de construir uma interpretação dos fatos. Interpretação esta que reafirma o senso comum.

Outro trecho bastante significativo da utilização de modelos estereotipados manifestado no enunciado é o seguinte: "Quem o vê assim, não acredita, mas por trás desse homem feroz, tem um cara como outro qualquer. Pai de família, marido, trabalhador.".

Joga-se aqui com a figura do bom pai, que através do suor de seu trabalho mantém sua família. Ora, mas será que o fato de ser pai de família, marido e trabalhador garante a idoneidade de alguém? Não pode um pai de família matar, um marido maltratar sua esposa e trabalhar à margem da legalidade?

O jornalismo, como nos traz Gomes (2000), busca falar em nome de todos. Colocando-se como representante da sociedade, sua função primordial se ancora na narração dos fatos. Para isso, uma de suas ferramentas mais importantes é a referencialidade, ou seja, sua tentativa de se vender como sendo uma narração do real. Assim como no discurso histórico, uma de suas marcas textuais mais explícitas e elucidativas é a constante ausência do "eu" da enunciação no enunciado. Sendo a enunciação o ato de colocar as virtualidades da língua em prática, desembocando num enunciado, o autor desse enunciado, que está presente na enunciação, busca se dissimular no produto de seu ato. Para tanto, é frequente o uso da terceira pessoa verbal, explícita ou implicitamente, como forma de evitar transparecer a subjetividade no enunciado.

> Como o discurso histórico, o jornalístico é fundamentalmente assertivo e constativo como se os fatos relatados estivessem ligados linguisticamente a um privilégio de ser: conta-se o que passou, não o que ainda aconteceu ou o que é duvidoso. Ora, assertivo/constativo é justamente a estrutura do discurso de referencialidade, aquele em que o jogo de eu a tu é eliminado em prol de um efeito real impoluto. (GOMES, 2000, p. 66)

Na matéria proposta, tal observância é nítida. O repórter, autor do enunciado, não se coloca como tal. Observando a transcrição, as únicas vezes em que ele se coloca como sujeito da enunciação no enunciado é quando ele realiza a "passagem" (quando o repórter aparece dentro do ringue falando) e quando ele realiza a pergunta sobre a voz do lutador.

No entanto, na passagem, mesmo que possamos ver a imagem do repórter, seu enunciado confirma a tentativa de apagar a subjetividade do ato. Ao dizer: "Nem no campo, nem no palco, nem no cinema, nem no balcão. Foi no octógono, esse ringue com oito lados,

que Anderson Silva se deu melhor. Aqui dentro, venceu a maior luta: a luta da própria vida.", o dêitico *aqui*, que delimita a localização espacial do locutor, tem mais o objetivo de trazer a referencialidade à tona do que propriamente evidenciar o sujeito da enunciação.

No enunciado "Muita gente me desafiou achando que eu não iria fazer essa pergunta, mas eu vou fazer: e essa sua voz aí, heim?", a aparição declarada do dêitico *eu* juntamente com o performativo "fazer essa pergunta", pode ser vista por dois ângulos. De um lado, tal enunciado poderia ser encarado como a manifestação intencional da subjetividade do locutor, ou seja, uma demonstração da tentativa de não isenção do autor da enunciação no enunciado. De outro, ao acrescentarmos a frase "muita gente me desafiou achando que eu não iria fazer essa pergunta", também podemos observar aí o papel do locutor como representante da palavra, como ser capaz de trazer a informação que as pessoas desejam. O "eu" do enunciado fala em nome de "muita gente" e, por esse ângulo, apaga-se a unicidade.

Uma visão mais geral da reportagem, da dinâmica estabelecida entre os OFFs e as falas do entrevistado também nos leva para a mesma direção. O repórter elabora os OFFs de forma a dar "ganchos" para a inserção do enunciado do entrevistado. É como se fosse a história de Anderson Silva fosse contada por ele mesmo, sem a presença do repórter.

Conta-se a história de superação, do campeão que venceu dentro e fora dos ringues, mas sempre jogando de acordo com as regras, mantendo o tão valorizado *fair play*, tanto no esporte quanto na "vida real". Mesmo derrotando seu adversário, Vitor Belfort, Anderson mostra "profissionalismo", e ainda apela para o sentimento de nacionalismo, para o fato de que o que importa não é o fato de ter se sagrado campeão, mas sim de o título dos meio-pesados se encontrar sobre domínio brasileiro. Mostra-se um Anderson que chora, que se indigna com a desigualdade e com a injustiça.

Vale lembrar aqui que o que está em jogo não é o que o lutador Anderson Silva diz sobre si, mas sim que a matéria jornalística é uma seleção de excertos que se juntam no intuito de contar uma história. O "eu" da enunciação do lutador é um, o "eu" do enunciado é outro, um "eu" que passa por uma série de crivos inerentes à própria dinâmica de uma matéria jornalística.

Retomando a figura do herói mitológico de Joseph Campbell, que sai numa jornada em busca de uma provação, que passa por dificuldades, sofre derrotas e conquista vitórias e, por fim se diferencia dos outros, do comum, realizando um feito inaugural. Conquista-se o

elixir da vitória e, após a conquista, retorna-se ao local de partida para partilhado com os outros.

Tal concepção é, finalmente, corroborada nos últimos trechos da matéria. A ligação com o super-herói da ficção Homem Aranha é evidenciada não apenas por Anderson, que a assume no enunciado, mas também pelo repórter, cuja modalização assertiva/epistêmica "Pelo menos, agora, está mais fácil liquidar a fatura." dá o tom final, levando o atleta ao panteão dos deuses.

Conclusão

Buscamos com este artigo evidenciar as potencialidades das abordagens enunciativas na análise de um produto midiático, demonstrando que o discurso jornalístico, por mais que tente se colocar como imparcial, é sempre ideológico, construído numa teia interdiscursiva e polifônica, onde a subjetividade do enunciador se faz presente em todo o enunciado.

Por fim, como tentamos discutir brevemente, acreditamos que o estudo dos esportes e, mais especificamente do estudo dos produtos midiáticos que tratam da temática esportiva, são uma janela importante para a compreensão da sociedade já que, apesar do caráter lúdico que a atividade esportiva pode carregar, ela não é amorfa e neutra, mas sim significativa e significante.

Referências Bibliográficas

BARBANTI, Valdir José. O que é esporte? Em **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 2, p. 54-58, 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Moderna, 1998.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editores, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Coisa ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. Sociologia Crítica do esporte: uma introdução. Unijuí, 2003

CAMPBELL, Joseph, com Bill Moyers. **O poder do mito.** São Paulo: Palas Athena, 1990.

DOTA, Maria Inez M. **Das estratégias de leitura às operações enunciativas: a modalidade**. Tese de Doutorado. Araraquara, FCL, UNESP, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. **Media Discourse**. New York: Edward Arnol, 1995.

FOWLER, Roger. **Language in the news**: discourse and ideology in the press. London: Routledge, 1994.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **A análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PICCOLO, Gustavo Martins. **O universo lúdico proposto por Caillois**. Revista Digital – Buenos Aires, año 13, n 127, 2008. Disponível em: http://www.efdesportes.com. Acesso em: 07/04/2011

VIRGÍLIO, Stanley. **Conde Koma. O invencível yondam da história**. Campinas: Átomo, 2002.